

O PAPEL DA EDUCAÇÃO EM UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA: O QUE SIGNIFICA SER HUMANO?

*THE ROLE OF EDUCATION IN A DEMOCRATIC SOCIETY: WHAT DOES IT MEAN TO BE
HUMAN?*

Mara Elias

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, RS, Brasil. E-mail: maraelaineelias@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v1i3.17>

Recebido em: 23.09.2020

Aceito em: 29.11.2020

Resumo: Este texto traz de forma sucinta algumas reflexões do professor Gert Biesta em sua obra “Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano”, onde aparecem conceitos como: humano; a crítica do humanismo; o que leva a pensar o mundo da diferença; da pluralidade; da confiança; da violência transcendental; das novas linguagens da educação; da aprendizagem e algumas destas linguagens da educação ligada ao neoliberalismo como do aluno/consumidor, professor/provedor, educação/mercado, mas o foco da ação humana na escola. A possibilidade de pensar a política educacional no presente; o responsivo e o responsável; a responsabilidade com o mundo com os que estão chegando; o conceito de visitar que é uma condição ética de estar no mundo e de como me relaciono com o mundo e com os outros dentro desta comunidade.

Palavras-chave: Humano. Responsabilidade. Educação.

Abstract: *This text briefly brings some reflections of Professor Gert Biesta in his work “Beyond learning: democratic education for a human future”, where concepts such as: human appear; the criticism of humanism; which leads to thinking the world of difference; plurality; trust; transcendental violence; the new languages of education; of learning and some of these languages of education linked to neoliberalism as well as student/consumer, teacher/provider, education/market, but the focus of human action in school. The possibility of thinking about educational policy in the present; the responsive and the responsible; responsibility to the world with those who are coming; the concept of visiting which is an ethical condition of being in the world and how I relate to the world and to others within this community.*

Keywords: *Human. Responsibility. Education.*

1 Introdução

O professor Gert Biesta de Teoria e Política Educacional da Universidade de Luxemburgo e editor de *Studies in Philosophy and Education*, traz em sua obra “Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano”, uma reflexão voltada aos educadores para se pensar uma educação para além do humanismo. Uma educação onde o autor aborda um modo diferente de compreender a educação, um modo democrático, um jeito



de conviver com o outro dentro de um mundo de pluralidades e diferenças.

O autor busca a contribuição de vários filósofos na explanação de sua obra, porém salienta que sua obra é para atender os educadores de diferentes áreas, pois se baseia na educação democrática, inclusão social e formação humana. Seu livro é dividido em prólogo, capítulos e o epílogo, trago, portanto uma resenha de sua obra.

2 O que significa ser humano?

Gert Biesta principia sua reflexão com algumas questões entre elas a definição de humanidade e de ser humano. Esta última questão é analisada como uma questão de âmbito educacional. A educação é motivada por uma ideia de intervenção na vida de alguém para torná-la completa, uma inserção do indivíduo no mundo sociocultural existente.

Porém a educação partindo deste princípio contribui para a exclusão e a reprodução de desigualdades. Numa outra corrente é focada no cultivo da pessoa humana ou no cultivo da humanidade do indivíduo.

O autor através de Emmanuel Levinas fundamenta a crise do humanismo como desumano, baseado na incapacidade de se opor as desumanidades e do que significa ser humano. Através de Martin Heidegger que desmascarou as deficiências do humanismo em sua *Carta sobre o Humanismo*, ele relata que segundo Heidegger o problema chave do humanismo é de ser metafísico, o ser humano como uma coisa e não como deveria ser, no *Ser* desse ser, na existência do ser humano, em como ele existe no mundo.

Biesta apresenta Levinas que define que o humanismo não é “*suficientemente humano*”, que o desafio é abordar estas questões de maneira diferente. A questão sobre o que significa ser humano envolve todos nós trazendo a responsabilidade de compreender o ser humano na sua unicidade e na sua individualidade.

O autor mostra a importância da linguagem para a educação. Através de Dewey e Wittgenstein, mostra que a linguagem é uma prática, é algo que fazemos. Já para Foucault as práticas linguísticas e discursivas delineiam e constituem o que pode ser visto, dito, conhecido, pensado, feito. A linguagem pode tornar possível ou impossível nossos modos de fazer e dizer os acontecimentos, desta maneira sua influência na educação é de grande relevância.

O autor expõe como a linguagem para os educadores tem passado por inúmeras transformações. Afirma que a linguagem da educação vem sendo substituída pela linguagem da aprendizagem e que há uma necessidade de recuperar uma linguagem da educação para a educação. Reinventar uma linguagem para a educação que responda os desafios da realidade atual. Biesta ratifica que o conceito de aprendizagem nas duas últimas décadas, ascendeu em relação ao da educação e o conceito de educação apresentou um declínio.

Ensinar foi definido como apoiar ou facilitar a aprendizagem, e educação como oferecer oportunidades ou experiências de aprendizagem, o aluno tornou-se aprendiz. Esta nova linguagem de aprendizagem é compreendida com resultado de uma série de eventos, tendências, combinações originadas da sociedade.

O autor coloca que pelo menos umas quatro tendências influenciaram para o surgimento da nova linguagem de aprendizagem: a primeira linguagem da aprendizagem são as “*Novas*

teorias da aprendizagem”, teorias construtivistas e socioculturais da aprendizagem construídas pelo aprendente com ajuda de outros aprendentes.

A segunda linguagem de aprendizagem é relacionada com o “*Pós-modernismo*”, ligado à herança do Iluminismo transmitindo racionalidade e pensamento crítico.

A terceira refere-se a “*explosão silenciosa*” da aprendizagem adulta, onde a aprendizagem acontece no campo formal (instituições educacionais) e no campo não formal (academias, clubes, internet, etc.);

A quarta é “*A erosão do Estado de bem-estar social*”, aparecimento da ideologia de mercado do neoliberalismo, o estado como provedor de serviços públicos e o contribuinte como consumidor de serviços estatais. A questão é determinar o impacto que esta nova linguagem da aprendizagem tem causado sobre o discurso e a prática da educação.

A linguagem da aprendizagem tem gerado uma ideia do processo da educação em termos econômicos, considerando o aprendente como consumidor, o professor ou a instituição como provedor, a educação como mercadoria.

Segundo o autor não devemos compreender a relação educacional como uma relação econômica, a relação educacional esta embasada em três conceitos: a *confiança* que inicia com alguém querendo aprender, mesmo correndo risco de não aprender, ou aprender o que busca ou aprender além de suas expectativas; o segundo conceito é o da *violência transcendental*, esta violência ocorre quando existe esta relação educacional que se dá através da interferência do professor com o aluno podendo ter um impacto profundo, transformador; o último conceito é o *de responsabilidade*, a primeira responsabilidade do educador é pela subjetividade do estudante que permite ser um ser único e singular.

Ser educador implica responsabilidade por alguém que não conhecemos. Biesta principia a compreender a educação de uma forma diferente não baseada na verdade particular do sujeito, e a educação não como um processo de produção.

O autor faz crítica ao humanismo à morte do sujeito moderno que era visto como fonte autônoma, pré-social e trans-histórica da verdade, da racionalidade e de uma própria identidade. Biesta alega através de Foucault que este sujeito morreu para ressurgir um novo sujeito produzido pelas práticas discursivas. No encontro de possibilidades do que estamos sendo.

A crítica do humanismo, da ideia de que é possível definir a essência do que é ser humano, o autor traz outras questões como e onde o ser humano torna-se presença, único. Argumenta que é no encontro com os outros, na relação com os outros que não são como nós, na dimensão ética dessas relações.

Empresta a ideia de Arendt quando coloca a questão do quem do sujeito, as maneiras pelas quais os mesmos se introduzem no mundo povoado de outros, mundo de pluralidades e diferença. Traz também ideia de Levinas onde o sujeito se torna presença num espaço intersubjetivo, espaço composto por outros sujeitos iniciadores para vir ao mundo.

O autor através de Alphonso Lingis apresenta a definição de comunidade como um grupo constituído por vários indivíduos que têm algo em comum e que constroem algo em comum, o que ele chama de comunidade racional, que produz e é produzida por um discurso comum.

Existem diferentes comunidades racionais nós nos constituímos permanentemente com a comunidade racional de pertencimento, em algum momento pertencemos a uma comunidade

em outro numa outra comunidade, dependendo do que está em jogo. E vai se constituindo seus estranhos, dependendo do jogo da comunidade racional.

Para nos aproximar de outras comunidades temos que usar a voz, negociar, dar sentido, fazer contratos. Construir uma subjetividade que se constrói no encontro com o outro. A escola é um espaço público para estes encontros, para as discussões no campo das ideias. Devemos estar aberto não só na escola, para ouvir as multiplicidades de outras comunidades.

Biesta procura revelar um modo de pensar o nosso ser com os outros em que a pluralidade não é um problema que deva ser superado, para que a nossa ação se torne possível, mas que esse fato seja visto como aquilo que torne nosso ser com os outros, possível e real.

O autor apresenta dois pensamentos de Arendt, o primeiro é a impossibilidade de permanecermos únicos do que fazemos é a própria condição para que nossos inícios possam vir ao mundo. Nossa vinda ao mundo conta com as atividades dos outros para que nossos inícios sejam adotados, mas os outros sempre atuarão nos seus próprios modos imprevisíveis. O segundo diz respeito à liberdade que existe só em ação, é ação com outros. E esta liberdade só existe num espaço mundano, de pluralidade e diferença.

Biesta parte para investigar a analogia entre educação e a arquitetura através da discussão da tradição de *Bildung* (termo alemão, traduzido para o inglês como “edificação”) e também vai analisar através da prática da construção. Essa tradição sempre expressou um interesse pela humanidade do ser humano, representa um modo de pensar e fazer educacional, que difere do discurso da atualidade.

O autor sugere que a responsabilidade educacional no contexto atual tem a ver com espaço mundano, de pluralidade e de diferença, um espaço onde a liberdade pode aparecer e onde os indivíduos singulares e únicos podem vir ao mundo. Isso ocasiona um dever para a criação deste espaço e para seu constante desfazer.

O que rompe a comunidade racional não é um distúrbio do processo educacional, mas poderia ser o ponto onde os estudantes começam encontrar sua voz única, responsiva e responsável. A responsabilidade do educador é uma responsabilidade por algo que não pode ser conhecido de antemão.

Gert Biesta argumenta que para responder qual o papel das escolas numa sociedade democrática depende do que é ser uma pessoa democrática. O foco está na discussão de três concepções da pessoa democrática; uma individualista proposta por Immanuel Kant, uma concepção social apresentada por John Dewey, e uma concepção política da subjetividade democrática proposta por Hannah Arendt.

A visão individualista de Kant leva a conclusão de que a educação deve produzir o indivíduo democrático. O sujeito Kantiano pode pensar por si mesmo, fazer seus próprios julgamentos sem ser guiado por outros, é um sujeito racional, autônomo e a tarefa da educação é liberar o potencial racional do sujeito humano.

A concepção social de Dewey reconhece que a pessoa democrática não pode ser criada em isolamento, mas por meio da participação na vida democrática, apesar desta concepção sua visão é caracterizada pelo instrumentalismo e o individualismo. Dewey não quer negar que os seres humanos têm capacidade de pensar e refletir, que nesse aspecto são seres racionais, o que ele quer questionar que a capacidade de pensar e refletir tem uma origem social.

A visão política da subjetividade democrática de Arendt torna possível ir além da ideia de educação como produtora da democracia. Esta concepção está enraizada na ação, na vida ativa. Segundo Arendt ser um sujeito significa agir e a ação começa com a introdução de inícios desse sujeito no mundo, para agir precisamos de outros.

As escolas, segundo Biesta deveriam tentar criar condições para que os estudantes sejam sujeitos, para que experimentem o que é e o que significa ser sujeito, porém não depende só da escola uma educação democrática, mas da sociedade em geral.

O autor Gert Biesta conclui sua obra usando as palavras de Hannah Arendt que nos diz da responsabilidade e de um amor do educador pelo mundo, pelos recém-chegados, pelos novos, pelos jovens e orienta para não deixar fazer o que quiserem ou deixa-los sozinhos, nem bloquear a criatividade, a curiosidade do novo. Criar espaços mundanos onde esta liberdade possa aparecer. A responsabilidade do que vai acontecer é sem o conhecimento prévio do educador.

A escola tem compromisso de apresentar este mundo de forma racional, mas os conceitos, a forma de apresentar é diferenciada, pois somos seres únicos e singulares, o que nos torna assim, segundo o autor, é a maneira como respondemos ao outro, a outricidade do outro; este compromisso é com a democracia, com um mundo de pluralidade e diferença, onde a liberdade possa fluir.

3 Considerações finais

O autor apresenta a motivação através da crítica do humanismo, e a sustenta com as teorias de Levinas, Kant, Dewey, Foucault, Hannah Arendt, Bauman, entre outros e nos leva a pensar no mundo, nos espaços mundanos da diferença, da pluralidade.

Os conceitos de confiança, responsabilidade que se tem com a educação de desconstrução /construção/criar/desfazer, ao fazer se desfaz, pois na sala de aula nem todos são iguais. Mas o que fazer com esta realidade? É responsabilidade nossa, dos professores de sugerir novas possibilidades para dar oportunidade para todos.

No texto aparecem novas linguagens de educação ligada ao neoliberalismo como: aluno/consumidor/professor/provedor/educação/mercado; são linguagens contemporâneas num mundo do capitalismo.

Porém o foco é na ação que tem haver com o incentivo, com as possibilidades, livre para agir no espaço, esta ação não é mensurável. Na ação com o aluno posso fazer uma ação educativa, ter a liberdade do acolhimento, de garantir o espaço público a todos.

Possibilidade de pensar o presente em nível de uma política educacional, definindo os parâmetros para uma política da diferença, da pluralidade.

A educação acontece entre os humanos nos momentos de reflexão, de resistência, de movimentos, precisamos estar abertos para ouvir, para dialogar com outras comunidades, abrir-se para o encontro, pois a escola comporta múltiplas comunidades.

Ter responsabilidade com o mundo, com os que estão chegando. Visitar o outro na sua individualidade, na sua particularidade, em pequenos movimentos revendo a nossa relação com o outro, nossa forma de nos relacionar, construindo esta relação com respeito, ensinando com significado, compreendendo a dimensão e a finalidade do que esta sendo ensinado.

Pensar a atualidade, trabalhar a história da humanidade, pois as pessoas estão esquecidas da própria história. Uma educação democrática onde a herança cultural é levada a todos com leveza, buscar na história, ter vínculo com o passado para compreender o presente. Legados dos que nos antecederam! Trazemos a responsabilidade de fazer um link do passado com o presente para entender e desvendar o mundo novo.

Ensinar para o mundo, pois a escola tem potencialidade e possibilidade de alargar a cultura. Com histórias, narrativas, experiências boas que vai dialogando com os autores, para trabalhar na escola como recurso para apresentar o mundo. Escola discutindo as questões do mundo, para equipar e fortalecer o sujeito no enfrentamento da violência e das questões cotidianas.

O que pensa este sujeito, esta criança, este professor, esta comunidade? Todo projeto humanista se fecha em si no ideal a ser construído a partir de valores, da forma de ver. Muitos discursos são construídos para o sujeito ideal, excluindo aquele que não aprende. Produzindo o anormal, o deficiente, o que não acompanha.

Entender que as verdades são construídas a partir de diferentes saberes, pensar sobre estas verdades, revisar as verdades. As verdades que são construídas nas práticas de cada tempo, na multiplicidade de cada tempo, são provisórias, precisamos, pois fundamentar. Outras, porém, só são verdades que faz sentido no determinado tempo.

Definir papéis na escola, o que é público e o que é privado. Tem conteúdos que são da escola, para ser inserido no espaço público. A escola precisa discutir na sua comunidade a definição de papéis. Ações sendo discutidas e pensadas coletivamente resgatando o espaço de docência e o processo de formação dentro da escola.

Referência

BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: educação democrática para um futuro humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.